

Influências predominantes em Antero de Quental, filósofo

Lúcio Craveiro da Silva

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 1003-1009

Influências Predominantes em Antero de Quental, filósofo

Lúcio Craveiro da Silva

Antero viveu e cultivou fundamentalmente três correntes de pensamento que o acompanharam, com maior ou menor persistência, com o despertar da sua "Revolução Interior" desde a Universidade: 1. A adesão à justiça social e nela ao socialismo; 2. A procura filosófica ou metafísica; e 3. Acentuado espírito religioso aliado tanto à metafísica como à justiça social. Ora estas três nascentes do seu pensamento, que lhe inundaram a vida interior e cultural, dependiam também, dum modo ou doutro, de figuras a que ele, segundo confessa, "mais deve". Escreveu Antero que ninguém o levaria a mentir ou negar, perante a própria consciência, uma verdade qualquer, e acrescenta: "Nem algum daqueles a quem eu mais amo e a quem mais devo: Hegel, por exemplo, ou Cristo ou Proudhon" (Prosas, II, 296). São estas as influências principais por ele assumidas. Há, com *certeza*, como vamos ver, muita verdade nesta afirmação. Aliás isto mesmo confirma-o Bulhão Pato nas suas **Memórias**: "Antero tinha tal entusiasmo por Hegel e Proudhon que escrevia e dizia: Cristo, Proudhon e Hegel! Ao proferir estes nomes, assumia um aspecto grave e os olhos exprimiam certa beatitude"(p.296).

1. *Proudhon* -E comecemos por Proudhon. Foi ele que despertou e alimentou, em Antero, o humanitarismo revolucionário e a doutrina Socialista. Essa ideia germinou de dois modos em Antero: no início e na primeira fase da sua vida, entregou-se de alma e coração à acção do movimento operário, provocado até por uma constatação concreta: a injustiça social de que era vítima o mundo operário. Assim como Proudhon foi operário, (como aliás igualmente Michelet), ele também quis passar por essa experiência proletária em Paris (1867) como antes já a tentara em Lisboa (1866). Promove depois as Conferências do Casino (1871) cujo tema é revolucionário e socialista. Nesse tempo Antero queria reunir as diversas facções do movimento operário, como táctica, para dar força a um partido de pensamento unitário e ilustrado. Especialmente nos anos 71 a 73 conspirou e reuniu com Fontana, Jaime Batalha Reis e outros e colaborou com organismos operários como o Centro Promotor (do qual deve ter saído a ideia das Conferências do Casino), a Aliança de Bakunine, foi adepto de Marx e Engels, defendeu a Internacional, o Congresso da Haia, propôs-se até para deputado, sempre com a ideia de dignificar e fortalecer a luta pela classe operária. Foi, como escreveu na Carta Autobiográfica, "um pequeno Lassale". O seu entusiasmo pelas realizações do movimento cooperativo e mutualista é notável (Novas Cartas Inéditas, de 2.11.1871, 43-46). Onde ele surgia sempre em evidência foi também na redacção das mensagens e manifestos sociais pois são conhecidos vários. No **Programa da União Democrática** (1873) que se julgava perdido, e foi encontrado (NCI, 57-63), de base proudhoniana e dos filósofos socialistas utópicas, Antero insiste na organização dum "partido em que as classes rivais e os interesses antagónicos da sociedade actual possam dar-se as mãos num comum espírito de conciliação, liberdade e **reforma** progressiva" (NCI, p. 57).

De maneira geral podemos concluir que foi no campo do socialismo que Antero mais se comprometeu no início da vida activa; mas no plano teórico foi aquele em que aparece menos original: já porque Oliveira Martins se lhe adiantou, já porque "os meus estudos sociais estão agora inter-

rompidos com a literatura que me absorve: decididamente tudo se conspira para fazer com que eu nunca possa ser aquele grande economista que bem no fundo, como v. sabe, é a minha vocação verdadeira" (NCL, p. 45)...

Uma vez que Antero destruiu o seu livro **Programa para os Trabalhos da Geração Nova** em que teorizava a Revolução e, com ela, também o Socialismo num esforço próprio, ficaram-nos dele sobretudo os seus artigos e manifestos ocasionais, importantes como intervenção pessoal, cheios de virilidade e compromisso social, mas bastante repetitivos em relação à evolução das doutrinas sociais do seu tempo. Permanecerão sobretudo como belas prosas literárias e como testemunho de um dos primeiros e mais valiosos socialistas entre nós.

Há, porém, uma excepção na sua obra literária de intervenção social; foi a poesia comprometida das **Odes Modernas**. Ele mais tarde diminuiu-lhes o valor; é certo que não sustenta nelas sempre toda a altura dos Sonetos. Mas há ali poesia verdadeira que perdurará.

Neste livro publica uma nota sobre a "Missão Revolucionária da Poesia" em que a concebe, então, como expressão "da alma colectiva de uma época" onde conclue naturalmente, nesta fase, que "a Poesia moderna é a alma da Revolução". E isto era novo e significativo na poesia-portuguesa.

É curioso e sintomático que, depois, na última fase da sua poesia -Os Sonetos - a sua poesia é sobretudo concebida como "um diário íntimo sem mais preocupações" ...

Permanecendo sempre socialista e solidário da classe operária - preocupação predominante e absorvente na primeira fase da sua vida cultural e mesmo revolucionária, na última fase essa preocupação social nem sequer verdadeiramente aparece na apelidada "Sua Filosofia" em que o tema fulcral é o homem e o seu destino no Universo. Então já só intervinha na acção socialista operária quando era convidado, mas conservou sempre íntima admiração por Proudhon.

2. *Regei*- Espírito sintético de preferente visão intelectualista que intencionalmente buscava sobretudo a unidade e coerência do pensamento e profundamente metafísico, o naturalismo ou monismo germânico e mais em concreto o hegelianismo, na filosofia da natureza e na dialéctica evolucionista, atraiu-lhe os passos incertos e generosos da puerícia filosófica. Ele mesmo confessará na Carta Autobiográfica que "o seduziam as tendências espantosas daquela estupenda síntese"; "dentro dele (do hegelianismo) se deu, confessa, a minha primeira evolução intelectual" (Cartas II, 834).

Ao lermos atentamente Antero ficamos com a impressão de que foi Hegel que lhe despertou a vocação filosófica e mesmo, quando depois teve de o abandonar em pontos fulcrais, não deixa de o olhar com veneração que não concede a outros filósofos.

Que síntese era essa que tanto maravilhou o espírito de Antero? -As grandes

proporções do panlogismo hegeliano, onde se projectou uma aplicação ampla e audaz a todos os ramos do conhecimento humano: ciências naturais, biologia, física e química, estética, história das religiões e da filosofia, política, etc. Toda esta construção se apoiava em três colunas: a Lógica, a Filosofia da Natureza e a Filosofia do Espírito. Na obra de Hegel revela-se o forte impulso do transcendentalismo do espírito individual; a sua novidade é o monismo da Ideia. A tradução do real para o pensamento é o seu fim. Por isso a filosofia de Hegel transmuda em pensamento as representações dos sentidos e introduz a necessidade onde nos são dadas a individualidade e a justaposição. Hegel funda-se em dois pressupostos: o pensamento identifica-se com o ser e a realidade está em contínuo vir-a-ser. Dando ao real uma figuração trilateral, todo o método dialéctico é o duma tríade que consiste no movimento duma realidade que, posta a princípio em si, se desenvolve, depois, **fora de si**, na manifestação ou no seu verbo, para retomar a si e estar **junto de si** (bei sich) como desenvolvida e manifestada. Toda esta síntese, que religa a matéria e o espírito, o pensamento e o ser, a história e a evolução na Ideia, deslumbrara a princípio os olhos de Antero; mas a determinação desse Absoluto, donde tudo provém, mais por evolução lógica do que real, entrou em choque, como veremos com as suas aspirações morais.

Neste ponto entramos em cheio na grande luta interior de Antero (antinomia anterior como lhe chamei) que lhe amargou profundamente o seu problema "filosófico", com sombras de pessimismo e desalento. É que a perspectiva sistemática hegeliana da **Razão** abstracta e ideal entrou nele em luta com a perspectiva do **Sentimento** a que Antero ligava a consciência, a moral religiosa, e a vida humana real.

A duração desta luta resume-a admiravelmente na Carta Autobiográfica a W. Storck: "Direi somente que esta evolução do sentimento correspondia a uma evolução do pensamento. O naturalismo, ainda o mais elevado e mais harmónico, ainda o de um Goethe ou de um Hegel, não tem solução verdadeira, deixa a consciência suspensa, o sentimento no que ele tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa e só aparente; no fundo não é mais do que um paganismo intelectual e requintado. Ora eu debatia-me desesperadamente, sem poder sair do naturalismo, dentro qual nascera para a inteligência e me desenvolvera. Era a minha atmosfera, e todavia sentia-me asfixiar dentro dela. O Naturalismo, na sua forma empírica e científica é o *struggle for life*, o horror duma luta universal no meio de uma cegueira universal; na sua forma transcendente é uma dialéctica gelada e inerte, ou um epicurismo egoisticamente contemplativo. Eram as consequências que eu via sair da doutrina com que me criara, da minha *alma mater*, agora que a interrogava, com a seriedade e a energia de quem, antes de morrer, quer ao menos saber para que veio ao mundo" (Cartas II, 837-838).

Esta luta só foi superada com o abandono do Naturalismo de Hegel, a alma mater que o formou. "As reacções das forças morais e um novo esforço do pensamento salvaram-me do desespero. Ao mesmo tempo que percebi que a voz da consciência moral não pode ser a única voz sem significação no meio das inúmeras vozes do Universo, refundindo a minha educação filosófica achava quer nas doutrinas, quer na história, a confirmação deste ponto de vista".

Assim a sua linha filosófica, depois de lutas de anos, estava defenida e, abandonando o Naturalismo de Hegel, três anos mais tarde, conseqüente com o que afirmara na Carta Autobiográfica, escreveu as Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX e nelas procura encontrar e reflectir no seu pensamento o que aqui afirmara e é sobretudo a justificação e vitória da sua vivência e interpretação pessoal do sentimento moral e religioso.

O valor e as características do sentimento moral e religioso já ele os expusera numa das mais belas páginas dos seus escritos, em prosa, na Carta a Anselmo de Andrade, aos 23 anos (Prosas, II, 1-14) e depois de anos de luta interior esse Sentimento superará, na sua filosofia, o Naturalismo de Hegel. Deste ficou-lhe para sempre o valor da Ideia e da História como desenvolvimento da Ideia e a concepção de filosofia como sistema de investigação total que dominou e, em parte, orientou a sua atitude filosófica perante a explicação do Homem e do Universo.

3. *Cristo e o Cristianismo* - Em 1856, Antero abandonou os Açores e partiu para Coimbra a cursar Direito, levando como lastro único da sua religião a cultura do catecismo. E evidente que, como sucede a tantos outros, esta cultura superficial não se pode defender de outras que, mesmo quando deficientes, estão estruturadas e portanto são facilmente aliciantes para culturas incipientes e imaturas. É com certo tom de nostalgia e de pena que ele nos conta, na Carta Autobiográfica, a chegada da "pobre criança" à "irrespeitosa agitação intelectual" das margens do Mondego, onde sentiu varrer-se-lhe "num instante ... a educação católica e tradicional" recebida nas Ilhas, caindo num "estado de dúvida e de incerteza" (Cartas, II, 833-834).

A descristianização foi rápida. Nesta altura Antero de Quental encontrou-se, cheio de altivez e de interrogações entre a meninice e a juventude, envolto nas paixões do homem que despontava, alimentado por leituras desencontradas mas que lhe desenhavam horizontes para ele sugestivos, a desejar afirmar-se perante a vida e a sociedade e sobretudo perante o mundo da cultura que o seduzia. Michelet, Proudhon, Renan, Quinet e os autores em voga no seu tempo levaram-no a conceber a religião como uma mitologia e a reduzi-la a um simples estádio evolutivo da Humanidade. A descristianização foi sobretudo um trabalho negativo, simples assimilar de ideologias acatólicas, sem critério para as julgar no tribunal da razão. Concebido o Cristianismo como fruto imanente da evolução religiosa da humanidade e como florescência da imaginação, eclipsou-se a auréola divina de Jesus para em Cristo só encontrar o homem e finalmente descobrir nele apenas "um símbolo da vida".

Sem perder de vista a pessoa de Cristo, que apesar de tudo o fascinava, Antero sucumbia à onda monista que repudiava a ideia cristã dum Deus pessoal e logicamente a ideia de Cristo. No Cristo "real" que soleava um problema histórico e religioso, apenas admirava o Profeta, o Pregador humano da pura interioridade do "Reino de Deus em nós".

Descrendo de Cristo, descreu do Catolicismo, como Igreja, "nascida nas sombras que projecta-

va a face de Cristo beijada por Judas" (Odes Modernas, 137) e condenada a cair inteira atropelada pelo carro do Progresso: "Bato as mãos -porque o eixo desse carro/ E o braço da Verdade!/ E o motor, que o impelle, é a caldeira/Gigante do Progresso!" (Ibid. 174).

Em todo o caso, apesar destas expressões violentas contra a religião como igreja, como organização, e contra "os braços entorpeçadores do Catolicismo", recebe e respeita no Cristianismo o aspecto religioso, ou o "misticismo" como ele o vai repetir frequentemente, e engloba-o significativamente na sua panorâmica religiosa. É curioso que escreva esta frase a Oliveira Martins em que aparece Hartmann e haja referência ao budismo: "Creio que a obra destes séculos mais próximos será, não destruir o Cristianismo (quero dizer, o espírito cristão e o ponto de vista da transcendência metafísica moral) mas completá-lo com a ciência da realidade. A religião do futuro, de que nos fala Hartmann, não pode ser outra e não julgo necessário ir procurar o Budismo quando o que há nele de melhor se encontra no Cristianismo, e com uma forma sentimental mais pura, mais humana" (Cartas 1,348-349).

Para Antero, a religião é um valor profundamente rico pois se identifica com a síntese colectiva e evolutiva das humanas concepções históricas do Universo e sob este ponto de vista devem ser encaradas as suas referências a qualquer religião mesmo à cristã. "Religiões humanas! Uma intuição profunda da mesma lei da vida -a diversidade, o movimento, a sucessão -dava-lhes a largura, a flexibilidade, e o vago necessário, para que correspondessem a todas as inúmeras e inesperadas formas do espírito, às infinitas transformações das sociedades, às mil aparências da realidade" (Prosas, 1,270). A religião para Antero não é portanto transcendente mas imanente ao homem e à história humana; não há dúvida, porém, que para Antero, entre as religiões, o Cristianismo ocupa presentemente o primeiro lugar: "O grande filósofo é a Humanidade e desse grande filósofo o melhor e maior sistema (por ora) é o Cristianismo Católico. Há ali abismos de génio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideais e ao lado disso um senso prático, uma prudência admirável, um profundo sentimento de estranha combinação de grandeza e miséria que é a natureza humana, de tal sorte que quem não conhece e compreende o Cristianismo não pode dizer que conhece e compreende a Humanidade" (Cartas, I, p. 348). Este texto é clássico na concepção religiosa e cristã de Antero mas não é isolado ou raro.

Nas *Cartas Inéditas* defende mesmo o cristianismo de irracional como o apodava Oliveira Martins: "Isto leva-me a dizer-lhe que não concordo com o seu juízo geral sobre o Cristianismo no tocante a V. o considerar uma amálgama irracional e só mantido em equilíbrio por forças externas e pela pressão histórica que segundo V. o produziu". E prossegue apoiando-se em Hegel: "Continuo a pensar com Hegel, admitindo a necessidade racional e por conseguinte a harmonia orgânica do Cristianismo. Necessidade e harmonia **no fundo** já se vê" (NCI, Carta de 26.3.1886).

E na Carta de 8.8.1876 (NCI) explicitara: "Também não admito que o Cristianismo seja contrário à razão; porque acho isto dir-lho-ei na primeira ocasião em que possamos conversar. Quanto a mim a razão e a natureza não são a mesma coisa e é por isso que ao mesmo passo que acho o cristianismo racional reconheço sem contradição, que ele desconhece a natureza - a natureza dos naturalistas, a *natura naturata*, o mundo e as suas leis, mas não a natureza moral do homem, do qual, pelo contrário, é ele até hoje a manifestação mais completa. No meu entender o *credo quia absurdum* e a revelação não são extravagâncias irracionais mas concepções profundamente verdadeiras, embora aqueles que as formularam fossem incapazes de as defender criticamente. Mas a crítica de hoje já o pode fazer e já com efeito o tem ido fazendo. Refiro-me a Hegel e à Escola Teológica dele saída". E acrescenta significativamente também para avaliarmos a sua posição em relação a Hegel: "Eu estou com essa gente, com a reserva, já se vê, do que há de ultra-sistemático em toda a filosofia hegeliana". (NCI, Carta de 8.8.1876).

Não vale a pena acrescentar novas citações. Estas nos indicam o suficiente para apreendermos o lugar que Cristo e o Cristianismo ocupam numa das vertentes mais importantes da sua cultura: o espírito religioso (o misticismo) que fez parte, durante toda a sua vida, do núcleo essencial da sua filosofia. E as referências, discussão e formulação do Cristianismo são constantes em toda a sua obra, o que não deixa de ser impressionante como já o notou o Prof. Joaquim de Carvalho.

Em todo o caso não posso deixar de reflectir numa conclusão final: Num século XIX Positivista, Antero surge anti-positivista; num século com legado forte anti-metafísico, Antero apresenta-se

como filósofo metafísico; num tempo de influências irreligiosas evidentes, Antero foi estrutural e culturalmente religioso. Muitos foram os autores que leu e o influenciaram, mas essa influência tomou-se consciencializada, discutida e aceite na medida em que ele a julgou fundamentada. Aqui limitamo-nos a analisar a influência predominante de três autores porque ele mesmo o afirmou e o confirma na sua obra. No entanto isto não quer dizer que outros autores o não tenham influenciado em pontos particulares importantes como ele mesmo o aduz nos seus escritos, cartas e ainda mais conscientemente talvez na sua Carta Autobiográfica. Os "espiritualistas" escoceses e franceses (V. Cousin, Vacherot -Le Nouveau Spiritualisme; De la conscience en psychologie et en moral; La Science et la conscience), Leibnitz na ideia de força e de causalidade (Monadologia), Hartmann na "religião do futuro" (Religionsphilosophie), Schopenhaur na ideia de substância e na "linha que traçou", por exemplo, não podem ser esquecidos dada a sua influência em Antero.

A sua biblioteca e a sua correspondência evidenciam uma prova irrefragável de que ele lia os autores em primeira mão, discutia-os e aceitava apenas aquilo que ele julgava fundamentado e interessava aos seus problemas e conseqüentemente à "sua filosofia". Porque ele arquetou uma filosofia própria, conscientemente construída, e ela deve ser assumida, com evidência indiscutível, na nossa história da filosofia.

Além disso, este estudo objectivo, o que raras vezes tem acontecido entre nós, é fundamental e prioritário igualmente para se compreender adequadamente a poesia de um dos maiores poetas que não se limitou, como tantos outros, a temas geralmente de um lirismo amoroso ou narrativo mas cultivou fundamentalmente argumentos filosófico-religiosos.